

W. E. B. DU BOIS PARA ALÉM DO SOUL: NOTA DOS ORGANIZADORES

Matheus Gato¹  

Silvio Matheus A. Santos²  

O conjunto de textos de Du Bois aqui traduzidos, inéditos em língua portuguesa, focaliza um período ainda pouco conhecido da produção do autor, mesmo entre os especialistas em sociologia e antropologia das relações raciais no Brasil. Trata-se de uma fase na qual Du Bois se aproxima de uma abordagem cada vez mais materialista de interpretação da sociedade, deixando para trás a inflexão romântica de timbre germânico que marcou a construção do problema do *soul* em *As Almas do Povo Negro*,³ livro que concentra a atenção da parca recepção brasileira do autor. Esses escritos também não possuem o mesmo apelo editorial que os livros autobiográficos, teóricos e históricos do sociólogo afro-americano e, portanto, disponibilizá-los em revistas especializadas é uma alternativa para superar alguns dos limites que envolvem a circulação de suas ideias no país, além de qualificar as práticas de ensino e pesquisa interessadas em repensar a relação entre raça, canonização disciplinar e currículo nas ciências sociais brasileiras.

Para fins didáticos, optamos por apresentar os artigos e ensaios aqui reunidos sem seguir uma ordem cronológica. O primeiro deles intitula-se “A Forma do Medo” (1926), no qual Du Bois analisa como a política

1 Professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Campinas (Unicamp). Coordenador do Bitita: Núcleo de Estudos Carolina de Jesus. Coordenador e Pesquisador do Núcleo Afro-Cebral.

2 Silvio Matheus Alves Santos é doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e atualmente é pesquisador bolsista Capes de pós-doutorado na sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (IFCH/Unicamp).

3 W.E.B. Du Bois, *As Almas do Povo Negro*, São Paulo: Veneta, 2021.

regula as contradições de classe e conflitos raciais, apontando para o que nomeia como a “instrumentalização do medo pela política da guerra e pelo nacionalismo bélico e agressivo”. Em meio ao atual contexto global de guerras na Ucrânia e na Palestina, e de ascensão da extrema direita e formas de nacionalismo conservador na América Latina, esse texto escrito quase centenário ganha uma atualidade radical.⁴

O segundo texto chama-se “Colônias e Responsabilidade Moral” (1946) e foi publicado como um ensaio independente por Du Bois na Revista *The Journal of Negro Education*, e incorporado como parte do capítulo dois, “The White Masters of the World”, do livro *The World and Africa* (1947). A comparação entre os diferentes registros do texto permite conhecer um pouco do processo do trabalho intelectual de Du Bois. A ironia é uma das características desse artigo que acusa a persistente hipocrisia através da qual “os governos imperiais evitaram a responsabilidade direta pela exploração colonial”. Para o autor, a construção histórica do esquecimento sobre a violência colonial é parte indelével do exercício de seu poder. As consequências desse argumento para os debates contemporâneos sobre sociedades pós-coloniais e a teoria decolonial não podem ser ignorados por especialistas, professores e estudantes interessados na matéria.⁵

O terceiro ensaio é “O Décimo Talentoso: Discurso Memorial” (1948), no qual Du Bois retorna e revisa as teses de um texto publicado quarenta e cinco anos antes com o mesmo título. A reflexão constante sobre a própria obra e trajetória é uma das marcas de seu trabalho. A premissa de seu texto original era de que:

A educação e o trabalho são as alavancas para a elevação de um povo. O trabalho, por si só, não o fará se não for inspirado por ideais corretos e guiado pela inteligência. A educação não deve simplesmente ensinar o trabalho, deve ensinar a vida. Os décimos talentosos da raça negra

4 Para uma reflexão sobre a importância das contribuições analíticas desse ensaio para interpretação da realidade política brasileira contemporânea ver: Isabela Monti, “A política do medo: reflexões sobre o neoconservadorismo à luz da sociologia de Du Bois”, *Nexo Jornal*, [🔗](#).

5 A este respeito ver: Maurício Oliveira, “Du Bois e o Giro Decolonial”, *Nexo Jornal*, [🔗](#).

devem tornar-se líderes de pensamento e missionários da cultura entre o seu povo.⁶

Por essa via, essa fração de notáveis, através da organização política, da (re)escrita da história e na busca pela regeneração moral, deveria se esforçar em prol da “elevação” de seu povo. Nessas reflexões, elaboradas durante o pós-guerra, o sociólogo afro-americano, já septuagenário e comunista, repensa suas concepções sobre a formação da liderança negra, cuja missão já não era a compreensão da mensagem cultural que emanaria das almas do povo negro, mas a disposição de sacrificar e planejar a revolução econômica igualitária capaz de rasurar a linha de cor. Tal processo envolveria o papel decisivo das massas, antes observadas sobre o prisma da ignorância e da debilidade moral, e uma coalizção antirracista com toda aquelas pessoas interessadas num mundo melhor.⁷

O último artigo intitula-se “A Paz é Perigosa” (1951) e marca o engajamento de Du Bois contra o direito de guerra e o uso de armamentos nucleares após as catástrofes da Segunda Guerra Mundial. Para o autor, entretanto, a continuidade da segregação racial nos Estados Unidos e a persistência da exploração colonial e do intervencionismo imperialista na África e na Ásia conformavam uma espécie de ideologia da paz que legitimava os abusos do racismo em diversas partes do mundo. Assim, aquilo que se compreende como “paz”, “guerra” e “conflito” está profundamente informado pela estruturação das desigualdades sociais.⁸ Poucos exemplos desse uso da “paz” são tão chocantes quanto a políticas de “pacificação” das favelas brasileiras em meio à chamada “guerra” às drogas, cujos milhares de mortos escancaram a descartabilidade dos corpos negros no mundo moderno.

6 W.E.B. Du Bois, “The Talented Tenth” in W. E. B. Du Bois, *Writings* (New York: The Library of America, 1986), pp. 842-861. p. 861.

7 A esse respeito ver: Laíssa Ferreira e Marília Lima. “Du Bois e a Questão da Liderança Negra”, *Nexo Jornal*, [📄](#).

8 Sobre este ponto ver: Mateus Lisboa, “A paz como ideologia: crítica da violência em W.E.B. Du Bois”, *Nexo Jornal*, [📄](#).

O leitor notará, talvez com algum espanto, que Du Bois utiliza os termos *America* e *American* nos textos que se seguem para se referir unicamente aos Estados Unidos e a seus habitantes. Ele assim o faz tanto porque era comum em sua época quanto porque os significados da questão racial no país colocavam em tensão as ideologias e representações do que significava a ideia de “América” como terra da democracia e da liberdade e do “americano” como sua encarnação por excelência. Apesar das justas críticas formuladas a esse uso, a tradução manteve o uso original que lhe fez o autor.

Esperamos que estes textos venham a contribuir para o fortalecimento da recepção crítica de Du Bois em nosso país e que suas ideias, conceitos e interpretações ajudem a renovar o ensino e a pesquisa sociológica sobre a realidade brasileira.